

PERCEÇÃO DE DOCENTES DO CENTRO PEDAGÓGICO PARA ATENDIMENTO ÀS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL/CENTRO BRASILEIRO DE REABILITAÇÃO E APOIO AO DEFICIENTE VISUAL (CAP/CEBRAV) DE GOIÂNIA-GO SOBRE O ENSINO DA ARTE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Michell Pedruzzi Mendes Araújo
michellpedruzzi@ufg.br
<http://lattes.cnpq.br/6141634183456644>

Jane Vieira dos Santos
janevieira@discente.ufg.br
<http://lattes.cnpq.br/2569874652368974>

Eliana Passos da Silveira
elianaufg@discente.ufg.br
<http://lattes.cnpq.br/3986547600535911>

RESUMO

Este estudo objetiva compreender a relevância da arte para os processos de ensino e aprendizagem da pessoa com deficiência visual, a partir da perspectiva de docentes do CAP/CEBRAV de Goiânia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória, com a utilização de questionários aplicados a professores que trabalham com discentes com deficiência visual. Os dados obtidos foram analisados à luz da teoria histórico-cultural proposta por Vigotski¹ e colaboradores. Como resultados, enfatiza-se que o ensino de arte adaptado às pessoas com deficiência visual é de grande importância, pois promove o desenvolvimento de habilidades motoras e espaciais, e contribui para novos/outros processos de aprendizagem significativos.

Palavras-chave: ensino de artes; deficiência visual; perspectiva de docentes; aprendizagem

INTRODUÇÃO

O ensino de artes possibilita ao aluno a chance de entrar em contato com o ato criativo e desenvolver suas potencialidades, como a imaginação, a sensibilidade e a afetividade. Permite-se, assim, a construção de novas habilidades e o alargamento de possibilidades aos discentes. No entanto, quando o ensino da arte é direcionado para pessoas com deficiência visual, é necessário um olhar diferenciado, objetivando-se adaptações que possam favorecer o acesso das pessoas com deficiência visual a esse ensino e, conseqüentemente, sua aprendizagem e êxito neste processo.

1 Utilizamos a grafia Vigotski por representar a transliteração mais próxima da língua portuguesa.

É válido antever que o público-alvo da educação especial são as pessoas com deficiência física, mental e sensorial, alunos com transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. (BRASIL, 2008).

No contexto da deficiência sensorial está a deficiência visual. Pensando os processos de escolarização e de inclusão das pessoas com deficiência visual, destaca-se a importância do Atendimento Educacional Especializado- AEE, que objetiva a organização de materiais didáticos, pedagógicos e de acessibilidade, oferece também programas de tecnologia assistiva, orienta a utilização de recursos ópticos e não ópticos, como também, por meio de profissionais, ensina o sistema Braille.

Em Goiânia, destaca-se pela sua qualidade o AEE que ocorre no Centro Pedagógico para Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual/Centro Brasileiro de Reabilitação e Apoio ao Deficiente Visual (CAP/CEBRAV), o que justifica a execução dessa pesquisa por trazer à tona algumas pistas acerca do trabalho pedagógico com a arte que é realizada neste centro, a partir das falas dos docentes. Ademais, a pesquisa se justifica pela incipiência de estudos, no cenário nacional, acerca do trabalho pedagógico desenvolvido no âmbito do AEE com estudantes com deficiência visual.

Teoricamente, este estudo está alicerçado nos pressupostos da perspectiva Histórico-Cultural proposta por Vigotski e colaboradores. Isso porque Vigotski (1989, 2018) advoga que qualquer pessoa, independentemente da sua deficiência, consegue aprender, basta que haja mediações adequadas para isso acontecer.

Para Vigotski (2001), a arte está inerentemente ligada à vida e às relações sociais, ela está em constante relação com a realidade. Nas palavras desse autor bielorrusso: "[...] 'a arte é o social em nós' e, mesmo que o seu efeito se registre em um indivíduo à parte, isso ainda não nos autoriza a afirmar que as raízes e a essência da arte sejam individuais [...]" (VIGOTSKI, 2001, p. 315).

Vigotski (2001), em seus estudos sobre a psicologia da arte, afirma que a arte é criada por intermédio das relações sociais, ou seja, a arte é o social no interior do sujeito, visto que este passa a adquirir e se apropriar de novos significados e, por conseguinte, construir novos conteúdos individuais, que passam a ser expressados na sua vida social, mediante a simbolização. Nesse sentido, as pessoas com deficiência visual, assim como

os enxergantes², por meio das linguagens artísticas, passam a se desenvolver e transmitir seus sentimentos e ideias.

Tendo em vista o exposto, este estudo objetivou compreender a relevância da arte para os processos de ensino e aprendizagem da pessoa com deficiência visual, a partir da perspectiva de docentes do Centro Pedagógico para Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual/Centro Brasileiro de Reabilitação e Apoio ao Deficiente Visual (CAP/CEBRAV) de Goiânia-GO.

PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa classifica-se como qualitativa, do tipo exploratória. Esse tipo de pesquisa é relevante, pois possibilita uma “[...] maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições” (GIL, 2002, p. 41). Segundo esse autor, por meio dessa pesquisa, podemos considerar vários aspectos no objeto de estudo de maneira flexível. Nesse sentido, a pesquisa exploratória proporciona uma maior proximidade com o fato estudado e o aprimoramento de hipóteses.

A participação nesta pesquisa consistiu da aplicação de questionário disponibilizado por meio do *Google Forms*, contendo perguntas discursivas, com o objetivo de obtermos informações por parte de dois professores do CAP/CEBRAV. Eles foram selecionados por ministrarem aula de artes para pessoas com deficiência visual e pela vasta experiência que possuem com processos de escolarização desses sujeitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Criado em 2008, o Centro Brasileiro de Reabilitação e Apoio às Pessoas com Deficiência Visual - CEBRAV, localizado na cidade de Goiânia, é um serviço público de referência no atendimento de pessoas com deficiência visual, oferecendo atendimento especializado e integral de forma gratuita para pessoas com baixa visão ou cegas, com o propósito de proporcionar

2 Utilizamos essa terminologia, ao invés do termo vidente, pois este carrega consigo outras significações que podem não expressar bem o sentido que queremos trazer em nosso estudo.

[...] às pessoas com deficiência visual o acesso à habilitação e reabilitação, atendimento educacional especializado, complementar e suplementar ao ingresso e permanência escolar, garantindo serviços indispensáveis à sua inclusão social e ao efetivo exercício de sua cidadania, com o propósito de constituir-se no mais moderno serviço público do Brasil, voltado para o atendimento de pessoas com deficiência visual (CEBRAV, 2022).

Os professores que são sujeitos dessa pesquisa receberam os nomes fictícios de Livia e Hernani. A professora Livia é formada em Licenciatura em Educação Física e possui especialização em audiodescrição e pedagogias da dança. Leciona arte para pessoas com deficiência visual há dez anos, na mesma instituição em que se encontra atualmente CAP/CEBRAV. Atua no magistério há treze anos e trabalha há muitos anos com pessoas com deficiência visual, acompanhando-os desde a mais tenra idade, passando pela adolescência até a vida adulta. No CAP/CEBRAV essa professora desenvolve um trabalho mais direcionado à dança.

Quanto ao professor Hernani, é licenciado em Artes Visuais, mestre e doutorando em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás. Começou a ensinar arte para pessoas com deficiência visual em fevereiro de 2008, no CAP/CEBRAV e desenvolve trabalhos relacionados às artes visuais como pintura, desenho, explorando diferentes texturas, expressões plásticas, contrastes e formas. Atua no magistério há vinte e cinco anos. Desses, dezenove são de trabalho com ensino especial para pessoas com deficiência visual.

Perguntamos aos docentes qual é a sensação de ensinar arte para pessoas com deficiência visual. Eles responderam:

Para mim é uma sensação de alegria em poder ver meus estudantes tendo oportunidade de acesso ao conhecimento (PROFESSORA LÍVIA CAP/CEBRAV).

Eu acho gratificante porque eu atuo na provocação da expressão e eles não se prendem ao "certo e errado". Os deficientes visuais são muito mais subjetivos que os videntes (PROFESSOR HERNANI, CAP/CEBRAV).

Quando indagados sobre os processos de aprendizagem e o desenvolvimento dessas pessoas a partir do momento em que elas começaram a ter contato com o ensino da arte, eles relataram:

A arte, no meu caso da dança, por ser linguagem, desperta o conhecimento do corpo e de suas possibilidades, conhecimento e respeito pelo outro, do meio em que vivem, além de proporcionar um meio de se comunicar de forma sensível. Acredito que em muitos casos os estudantes tiveram a oportunidade de se conhecerem e de fruírem, criando, percebendo, e aprendendo com e através do corpo que dança, cada um com suas limitações e potencialidades (PROFESSORA LÍVIA, CAP/CEBRAV).

A aprendizagem do estudante deficiente visual é toda voltada para a expressão de sua subjetividade. Por mais que trabalhem técnicas específicas dentro de determinada linguagem artística, o que vale para nós é todo o processo criativo (PROFESSOR HERNANI, CAP/CEBRAV).

Diante da fala dos professores, percebemos que, a partir do momento em que os estudantes com deficiência visual passam a adquirir novas experiências, ou seja, a ter contato com novas culturas, eles se desenvolvem. Nesse sentido, Vigotski (2011) ressalta que, quando: “[...] o educador começa a compreender que, ao entrar na cultura, a criança não apenas toma algo dela, adquire algo, incute em si algo de fora, mas também a própria cultura reelabora todo o comportamento natural da criança e refaz de modo novo todo o curso do desenvolvimento” (VIGOTSKI, 2011, p. 866).

Quando perguntados sobre como foi/é a sua experiência em ministrar aula de artes para alunos com deficiência visual, os docentes asseveraram que:

Como professora existem muitos desafios em sala de aula e muitas alegrias também ao ver os objetivos das aulas sendo alcançados através de adaptações, criatividade, planos individualizados para o atendimento... é muito bom ver os estudantes tendo a oportunidade de se apropriarem das diversas manifestações e dança e se expressando (PROFESSORA LÍVIA, CAP/CEBRAV).

É excelente porque conseguimos nos envolver verdadeiramente com todas as etapas que envolvem o processo criativo. Para nós não conta só o resultado dos trabalhos (PROFESSOR HERNANI, CAP/CEBRAV).

Como supracitado pelos professores, compreendemos que existem desafios para ministrar o ensino de artes para os alunos com deficiência visual, porém percebemos que os professores buscam potencializar a compensação da deficiência por meio de diferentes linguagens e por meio da socialização, fazendo com que as experiências em sala de aula entre professor e aluno sejam proveitosas e prazerosas.

Nesse sentido, Vigotski (1989) afirma que as pessoas com deficiência visual podem se superar por meio de compensação. Para tanto, é necessário que haja uma compensação social, por intermédio das relações sociais do sujeito com a realidade, como também por meio da linguagem, possibilitando a pessoa com deficiência visual ultrapassar os seus limites. “No caso da cegueira, não é o desenvolvimento do tato, a agudeza do ouvido, senão a linguagem, a utilização da experiência social, a relação com os videntes, se constitui na fonte de compensação” (VIGOTSKI, 1989, p. 81).

Quando questionados se a instituição em que eles trabalham disponibilizou material ou algum outro meio que pudesse contribuir com o aprendizado dos alunos com deficiência visual, eles mencionaram:

Temos disponíveis materiais como bolas de pilates, colchonetes, som, barra, espelho e uma gama de brinquedos e jogos que podem ser utilizados no planejamento das aulas. (PROFESSORA LÍVIA, CAP/CEBRAV).

Sim. (PROFESSOR HERNANI, CAP/CEBRAV).

No que concerne à importância da utilização de materiais táteis para potencializar a aprendizagem das pessoas com deficiências, vale trazer à tona as reflexões de Drago (2013):

A utilização de materiais concretos para a formação de conceitos, competências e habilidades das/nas diversas áreas do conhecimento, como ábacos, mapas, tampas de garrafa, jogos de memória, dados, células, globo e outros tantos materiais que facilitariam o conhecimento de Matemática, Geografia, Física, Química, Português, Artes, História e demais componentes curriculares, deixando as disciplinas, muitas vezes tão frias, mais atraentes, além de estimular a curiosidade e a busca de outras perguntas/respostas por parte dos alunos. (DRAGO, 2013, p. 183).

Quando os indagamos sobre a direção que eles seguiram para adequar os métodos de ensino de arte para alunos com deficiência visual, eles assim disseram:

Uma proposta de aula crítica-emancipatória, baseada nas vivências e experimentações. Até mesmo o projeto que realizo de balé é adaptado para a realidade da pessoa com deficiência visual. (PROFESSORA LÍVIA, CAP/CEBRAV).

Eu segui/sigo na direção de valorizar todo o processo da produção plástica, e não só o resultado. Acredito que alcançamos esses objetivos nas nossas aulas. (PROFESSOR HERNANI, CAP/CEBRAV).

A respeito do que foi destacado pelos docentes, cabe-nos tecer reflexões à luz da obra “Psicologia da Arte” de Vigotski. A partir de uma análise crítica dos enunciados presentes nesta obra, compreendemos que, por meio da arte, a emoção nos liberta dos recalques, nos orienta, nos motiva, dá novas forças e possibilita uma melhor organização do comportamento humano (VIGOTSKI, 1999). Assim, corrobora-se a fala da docente Lívia, que vislumbra suas aulas de arte como críticas e emancipatórias das pessoas que possuem deficiência visual, e do professor Hernani, que valoriza todo o processo, ou seja, os avanços dos discentes, e não apenas os resultados.

Acerca da indagação "Você procurou confeccionar ou adaptar algum material para contribuir com o aprendizado do seu aluno com deficiência visual? Se a resposta for sim, o que você fez?", os docentes responderam:

Sim, em aulas de dança utilizo marcações táteis no chão para facilitar a orientação e mobilidade durante a aula e execução de coreografias. Também realizei adaptações de fotos e construção de material tátil identificando posturas e posições do corpo. (PROFESSORA LÍVIA, CAP/CEBRAV).

Sim. Quase sempre. Busco trabalhar com materiais com texturas, formas e contrastes diferentes. (PROFESSOR HERNANI, CAP/CEBRAV).

No que tange à relação, na sala de aula, entre professor e aluno com deficiência visual e aluno enxergante com aluno com deficiência visual, eles destacaram:

Acredito que entre professor e estudantes com deficiência visual a relação precisa ser de confiança e respeito, ao se tratar de movimento o auxílio do professor e a confiança do estudante são fundamentais. Da mesma forma entre o estudante vidente, que por sinal deve conhecer a realidade dos seus colegas de classe, e o estudante com deficiência visual. Só assim alcançaremos uma realidade mais inclusiva. (PROFESSORA LÍVIA, CAP/CEBRAV).

Como sou professor de Arte em um centro de ensino especial, não trabalho com turmas mistas. Todos os alunos são deficientes visuais. Então, o trabalho é de muita proximidade física, explicando as particularidades que cada material/técnica nos exige. (PROFESSOR HERNANI, CAP/CEBRAV).

Perguntamos também: "Você acredita que seu aluno com deficiência visual teve êxito nas aulas de artes ministradas por você? Explique o porquê". A respeito do exposto, mencionaram:

Acredito que sim, construímos juntos o caminho para trilhar o conhecimento de forma inclusiva, respeitando as diferenças e alcançando os objetivos propostos dentro das possibilidades de cada um. (PROFESSORA LÍVIA, CAP/CEBRAV).

Sim, acredito. Porque eles se sentem envolvidos com todo o processo de produção e não só o resultado final. (PROFESSOR HERNANI, CAP/CEBRAV).

Indagamos aos docentes se eles acreditavam que o ensino de artes contribui efetivamente para o desenvolvimento dos alunos com deficiência visual. Eles destacaram:

Sim, sem sombra de dúvidas, em relação ao movimento, suas contribuições são diversas psicomotoras e artísticas, desenvolvendo um ser humano sensível, consciente do seu corpo e das suas capacidades, compreendendo a cultura do seu meio, intervindo e dialogando de forma sensível e criativa. (PROFESSORA LÍVIA, CAP/CEBRAV).

Sim, acredito. A Arte é uma disciplina que trabalha aspectos globais do desenvolvimento do indivíduo, como sensações, sentidos, percepções de texturas, cheiros, movimentos, deslocamentos, noções de espaço, tanto no plano pictórico, como no espaço físico em si. Através da Arte, provocamos e discutimos a expressão plástica e todo o processo criativo. A Arte proporciona a experiência estética que auxilia o estabelecimento de elos e conexões com outras disciplinas. (PROFESSOR HERNANI, CAP/CEBRAV).

Tendo em vista o exposto pela professora Lívia, percebemos que a arte da dança proporciona à pessoa com deficiência visual oportunidades de se desenvolver aprimorando seus sentidos e suas experiências com o mundo. Nesse sentido, as autoras Figueiredo, Tavares e Venâncio (1999, p. 72) explicam:

A Dança é uma arte e, como tal, nos permite transformar cada momento em um ato criativo. Por meio dela, podemos entender o instante e, daí, perceber a transformação da vida. Na Dança, a essência é sempre original, pois somos um corpo em presença no mundo. Somos todos dançarinos, pois expressamos pelo corpo aquilo que somos. A Dança não distingue nem oprime ninguém — nós é que o fazemos.

Pela fala do professor Hernani, podemos perceber que a arte trabalhada como expressão plástica visa envolver os alunos com deficiência visual em sua totalidade, auxiliando-os, assim, a alcançarem o seu potencial e contribuindo de maneira significativa para seus processos de aprendizagem e desenvolvimento.

Também pudemos constatar, na fala do professor, que ele trabalha na perspectiva de desenvolver as funções psicológicas superiores (FPS) dos discentes. A esse respeito, inspirados em Vigotski (1995), compreendemos que o surgimento e o desenvolvimento dessas funções dependem do estímulo do ambiente, ou seja, se referem às experiências do sujeito junto a seus pares desde a mais tenra idade.

Parece-nos fundamental dizer que a pessoa com deficiência visual, assim como qualquer pessoa enxergante, pode ultrapassar seus limites, se transformar e, portanto, evoluir. Destarte, percebemos a importância do papel do professor na formação social dos discentes, pois ele é um mediador ativo da ação pedagógica que derivará em um processo de aprendizagem, visto que, de forma intencional, o professor busca aprimorar a formação cognitiva e humana desses sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa pesquisa, que foi desenvolvida com os docentes do CAP/CEBRAV, percebemos que o ensino da arte para pessoas com deficiência visual deve se dar de maneira planejada e adequada à realidade dos discentes, visando que esses sujeitos aprendam e se desenvolvam a partir de situações de ensino significativas e contextualizadas.

Com intuito de alcançar o objetivo proposto neste trabalho, acreditamos que existem questões importantes no ensino da arte que devem ser pensadas para que as pessoas com deficiência visual possam, de fato, ter um aprendizado significativo e emancipador.

Considerando o pensamento de Vigotski, podemos refletir que, apesar da condição orgânica da pessoa com deficiência visual, por meio das interações entre professores e alunos, esses sujeitos podem se desenvolver plenamente, assim como

qualquer sujeito enxergante. Basta que haja empatia por parte dos docentes e condições favoráveis no ambiente educacional.

Em suma, advogamos que as adaptações no ensino da arte são de grande relevância para as pessoas com deficiência visual, pois otimizam suas capacidades funcionais por meio dos sentidos remanescentes, em um processo compensatório que favorece a aquisição de novos significados e propicia o surgimento da autoexpressão. Assim, estimula-se o desenvolvimento e a interação entre as funções psicológicas superiores desse indivíduo, e conseqüentemente, colabora-se para a sua autonomia e capacidade de expressão ante a coletividade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Ministério da Educação. Portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007, de 07 de janeiro de 2008. **Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2008.
- CEBRAV. **Quem somos?** 2022. Disponível em: <http://cebrav.educacao.go.gov.br/> Acesso em: 20 mar. 2022.
- DRAGO, R. **Síndromes: conhecer, planejar e incluir**. Rio de Janeiro: Wak, 2013.
- FIGUEIREDO, V. M. C.; TAVARES, M. C. G. C. F.; VENÂNCIO, S. Olhar para o corpo que dança: um sentido para a pessoa portadora de deficiência visual. **Movimento**, n. 11, p. 65-73, 1999.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- VIGOTSKI, L. S. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, p. 863-869, 2011.
- VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas III: problemas del desarrollo de la psique**. Madrid: Visor, 1995.
- VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- VIGOTSKI, L. S. **Sete aulas de L. S. Vigotski: sobre os fundamentos da pedologia** [Organização e tradução de Zoia Prestes, Elizabeth Tunes; tradução Cláudia da Costa Guimarães Santana]. 1. ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

SOBRE OS AUTORES

Michell Pedruzzi Mendes Araújo

Possui graduação em ciências biológicas pela Universidade Federal do Espírito Santo, graduação em pedagogia pelo Centro Universitário de Maringá, mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Realizou estágio de pós-doutoramento em Ensino de Biologia (ProfBIO UFES/UFMG). É professor adjunto da Universidade Federal de Goiás.

Jane Vieira dos Santos

Graduanda em pedagogia pela Universidade Federal de Goiás.

Eliana Passos da Silveira

Graduanda em pedagogia pela Universidade Federal de Goiás.